

A TEOLOGIA PÚBLICA E A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO COMO FERRAMENTAS DAS RELIGIÕES CRISTÃS À SERVIÇO DO PRÓXIMO.

Autor: Ricardo José Cavalcanti Sobral; Orientador: Fabrício Possebon

(Universidade Federal da Paraíba - Programa De Pós-Graduação Em Ciências Das Religiões – E-mail: ricardossobral@yahoo.com.br)

Resumo: No cenário mundial a manifestação do sagrado nas diversas crenças, tem se mostrado uma forte aliada para que elas se consolidem no mundo religioso. Esse trabalho não procura a especulação ou a veracidade de tais crenças, apenas leva em conta a modalidade de como as religiões cristãs, quer seja católica, protestante, pentecostal ou neopentecostal se abrem ao sagrado e conseqüentemente ao próximo. Propomos, por meio da manifestação do sagrado, a Teologia Pública que tem como escopo atender ao próximo. O critério teórico da pesquisa se faz a partir da análise bibliográfica apresentada na narrativa dos textos analisados. Esperamos reconhecer assim, o momento da hierofania, bem como a resposta das religiões cristãs ao sagrado. O trabalho divide-se da seguinte forma: o primeiro momento identificaremos a imaginação e a imagem como um fator importante na concepção do sagrado. No segundo momento, nos dedicaremos a análise dos principais aspectos que estruturam a concepção da igreja presente na vida cotidiana das religiões cristãs. Por fim, apresentaremos a Teologia Pública como um caminho das religiões cristãs no atendimento ao próximo. Assim, procuramos mostrar que essas religiões podem contribuir para que se reinvente uma estética própria resgatando assim a imagem da igreja, apresentada como antiga, a qual pode lhe dar condições de ampliar o deslumbramento do sagrado em uma sociedade plural.

Palavras-chave: Teologia Pública, Hierofania, Igreja, Sagrado, Símbolo.

Introdução

É na vida cotidiana que o homem pode amparar-se e desta maneira tornar-se firme para encarar a angustia que lhe apresenta sua finitude. Essa angustia parece ser confrontada, de forma saudável, pela interação do ser em toda a atividade humana com o patrimônio do sagrado. (TRESMONTANT, 1961). É na harmonia dos contrários que o homem assegura seu ânimo para enfrentar sua efemeridade. Seguindo esse pensamento, seria necessário reinventar, a partir da identificação da manifestação do sagrado, uma nova imagem de mundo para que consigamos pensar, ou não, num criador de tudo, que pode, ou não, atender a todos. Neste escopo, a Teologia Pública, em seu conceito, reporta para conjunturas epistemológicas e social que permitem pensar a natureza da sua atuação no espaço público – manifestando o sagrado – o qual não se pode dissociar do intuito religioso, que a ela é conferida e legitimada pela presença da religião¹.

Apesar da pós-modernidade e a secularidade marcarem o momento, parece ser que a religião ainda segue mobilizando o mundo culturalmente. Micea Eliade (1992), demonstra

¹ Usamos o termo religião conforme o pensamento do Greschat, o qual vai “além da religião cristã concebida pelos europeus”. (GRESCHAT, 2006, p. 17).

que as religiões seguem inspirando a consciência e as ações das pessoas em seus aspectos mais habituais das suas vidas. Parece-nos, que isso ocorre por causa das intensas mutações que a humanidade tem sofrido durante toda a sua história. No entanto, essa influência não está, fundamentalmente, numa religião oficializada, mas sim, numa crença em algo muito maior que está além deste mundo. Este “algo”, Eliade denominou de “sagrado”, na sua obra *O Sagrado e o Profano*.

Micea Eliade apresenta:

O fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade, e não apenas no que ele comporta de irracional. Não é a relação entre os elementos não racional e racional da religião que nos interessa, mas sim o sagrado na sua totalidade. (ELIADE, 1992, p. 12-13)

A sua totalidade, conforme Micea Eliade, existe, “como algo absolutamente diferente do profano”, (ELIADE, 1992, p.20), o qual se funda na visão de um mundo transcendente que ultrapassa a realidade concreta deste plano terreno. Portanto, o homem somente é possível no seu relacionamento metafísico harmonizando os contrários. Fora dele parece que sua existência é inconcebível. Assim, neste relacionamento acharemos por um lado, os dados que fazem referência ao sagrado e por outro lado, os que indicam as obras que o homem tem desenvolvido no seu campo profano. Entretanto, essas duas dimensões, que revelam ambos os lados, são polares e a forma possível de alcançar a ambos parece ser pela captação da revelação do sagrado.

Uma vez esclarecido esse ponto, as religiões cristãs poderiam, por meio da Teologia Pública, se situar, “diante de um terceiro, a sociedade pluralista e sua exigência de convivência” (SUSIN, 2006, p. 555), e a partir daí, alcançar essas duas polaridades. A compreensão desta realidade social possibilita às religiões cristãs, como sujeito atuante e importante no âmbito religioso e social de cada uma delas, lidar com as classes que mais padecem em seu cotidiano.

Entende-se que a proposta da Teologia Pública é colaborar, de uma forma participativa, com uma sociedade pluralista, bem como com o sistema governamental da nossa atualidade. Para tanto, há desafios. Pois, a Teologia não consegue se desvencilhar da confissão de fé - muito forte em um país católico como o Brasil - nem definir bem o termo e a função da Igreja cristã, quer seja católica, protestante, pentecostal ou neopentecostal. A proposta da Teologia Pública colabora com a sociedade de uma forma bem assemelhada à Jesus Cristo, aquele que se manifestou e habitou no meio público como descrito no evangelho

de João. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. (João 1.14 – Bíblia Sagrada).

A declaração de Antonio Carlos Silva Ribeiro, doutor em Teologia pela PUCRJ, é marcante quando diz que: “em tempos que as respostas dos catecismos e declarações doutrinárias não dão conta da complexidade das situações, e as análises dos manuais e as orientações pastorais mal detectam a gravidade das situações”. (RIBEIRO, 2009, p. 12). Portanto, cabe as religiões cristãs, ancoradas pela Teologia Pública, buscarem novos caminhos, conceberem novas soluções e proporem novas práxis. Nos parece que isso acontecerá, quando a manifestação do sagrado for percebida e vivida pela cristandade para que atenda ao público holisticamente, tal como Jesus Cristo o fez.

Dessa nova realidade, forma-se múltiplas e provocadoras manifestações do sagrado no indivíduo. A partir disso, cabe as religiões cristãs se lançarem neste mar de multifacetadas necessidades sociais, trazendo suas análises e questionamentos, mediante as suas experiências com o sagrado. Pois, como diz Linda Siokmey, (2017), “a chegada do reino de Deus com grande poder libertador [...] manifesta querer e poder para libertar, definitivamente, a todos de todo mal, seja pecado, culpa, fome, doença ou demônios”. (PESTANA, 2017, p. 29).

Podemos assim admitir que, as religiões cristãs, consciente do seu papel no mundo mediante a influência do sagrado em si, precisam ir além dos seus muros e da sua confessionalidade, pois esse momento parece ser o ideal para que assumam sua importância, por meio de sua epistemologia, para equações levantadas pelas mudanças populacionais ocorridas em meio as manifestações religiosas advindas da secularização social.

A imaginação e a imagem: fator importante na concepção do sagrado

Não é possível conceber uma consciência que não imagine. Em sua própria constituição, a imaginação se coloca como algo inerente a consciência, como assinala Sartre, “A consciência sempre tende a alguma outra coisa. Para que uma consciência possa imaginar, é preciso que escape ao mundo [...], A imaginação é o campo de nossa liberdade”. (SARTRE, 1968, p. 353).

O trabalho que a imaginação cumpre no funcionamento da consciência, serve de sustentabilidade para uma absorção do sagrado na interioridade do ser humano. Como diz Jacobi, “A imaginação ocorre e discorre todo o acontecer humano: a criação científica, artística, filosófica, religiosa, todas elas nutrem-se da imaginação” (JACOBI, 1983, p. 256).

Parece ser natural que a imaginação necessite de uma imagem para que a consciência tenha a sua frente um campo libertador. (SARTRE, 1968).

Nunca como agora, a humanidade esteve tão submetida à imagem e, entretanto, nunca agora o homem deu tão pouca atenção às imagens que brotam espontaneamente de sua interioridade. A tecnologia provê ao mundo uma esmagadora quantidade de imagens. Mas, como diz Jacobi, “essa mesma tecnologia o limita em sua imaginação pelo controle do tempo que executa e que impede a atenção ingênua das ricas fantasias que o desejo lhe propõe reiteradamente”. (JACOBI, 1983, p. 256). Com isso, podemos conjecturar que o homem engrenado em um ambiente imagético, permanece respirando, por meio das histórias, canções, ritos e crenças que o seu meio lhe concede, e assim, nutrindo o seu espírito a partir deste simbolismo multifocal.

A imagem para a maioria das religiões é fator preponderante e a religião hegemônica brasileira encabeça a lista. No entanto, em sua maioria, as religiões tendem a aprisionar a liberdade dos seus adeptos, negando-lhes que a “imaginação seja o campo da sua liberdade”. (SARTRE, 1968, p.353).

Como nos informa Latour,

Tradicionalmente, no cristianismo, a defesa dos ícones religiosos tem consistido em afirmar que a imagem não é o objeto de uma ‘latria’ — como em idolatria — mas de uma ‘dulia’, termo grego com o qual se diz que o fiel, diante da cópia — uma Virgem, um crucifixo, uma estátua de santo —, tem o espírito voltado para o protótipo, o original unicamente digno de adoração. (LATOURE, 2004, p. 349-375).

Entendemos então, que as imagens carregam uma íntima vinculação com a afetividade e, por conseguinte, com toda a expressão comunicativa, seja expressiva, verbal ou artística. A partir desse pensamento, entendemos que o funcionamento de uma nova ordem da captação do sagrado se apresenta por uma sucessão temporal, onde segue-se um compasso onde a captação da imagem e a atualização representativa desemboca na apreensão intelectual.

No caso da teologia, o que talvez surpreenda seja a descrição que foi dado pelo teólogo protestante Rudolf Otto para satisfazer a religião que estaria em busca do Sagrado: “é algo que exerce uma atração particular, que cativa, fascina e forma, com o elemento repulsivo do tremendum, uma estranha harmonia de contrastes”. (OTTO, 2007, p. 49). Percebe-se aqui que esse estranho descreve a harmonia dos contrários, espiritual e material, a qual repara os extremos dessa separação e este reparar parece ter a ver com a integração em toda atividade humana com o sagrado.

Nesta busca para atender e encurtar essa diferença, foi o que assinalou Latour, (2004), ao descrever *O Túmulo Vazio*, no afresco de Fra Angelico no convento de São Marcos, em Florença:

O que ele vê? Absolutamente nada, não há nada a ser visto aí; mas vocês devem olhar aqui, através do olho interno da piedade, para aquilo que o afresco supostamente significa: alhures, não num túmulo, não entre os mortos, mas entre os vivos. (LATOURE, 2004, p. 375).

Seguindo esse pensamento, seria necessário reinventar, a partir da identificação da manifestação do sagrado, uma nova imagem de mundo. Neste caso, não olhando “entre os mortos, mas sim entre os vivos”. Entre os necessitados que nos cercam, entre a nossa sociedade agonizante.

A Teologia Pública e o papel social da Igreja

No que se refere ao serviço da igreja, a teologia pública tenta resgatar o papel social que foi perdido há séculos. O Professor Richard A. Horsley, que tem o Jesus Histórico como principal objeto de estudo nas suas publicações, traz à luz uma informação interessante, no que diz respeito ao envolvimento da Igreja com o poder público:

Como resultado das revoluções burguesas do final do século XVIII, Igreja e Estado não só se separaram, mas concordaram em não interferir nas jurisdições designadas de cada um. Correspondentemente, a teologia cristã e os estudos bíblicos, focados principalmente em assuntos religiosos, tendiam para perder de vista as dimensões políticas e econômicas da vida com a qual A Bíblia está preocupada. (HORSLEY, 2004, p. 19).

É possível que a razão dessa dicotomia, entre a esfera política e religiosa, seja o mal entendimento do papel da igreja enquanto pública. Infelizmente, o Dicionário da Bíblia de Almeida – 2ª Edição distingui o termo Igreja (ἐκκλησία em grego), circunscrito, apenas, no sentido confessional da doutrina cristã. Entretanto, o Theological dictionary of the New Testament informa que, “Desde o tempo de Platão e Xenofontes e especialmente em inscrições, ἐκκλησία é a assembleia do povo (δῆμος) em Atenas e na maioria das polis (πόλεις) gregas”². Nesse mesmo prisma, o Dicionário Vine nos diz que o termo, “Ekklesia [...], foi usado entre os gregos para descrever um corpo de cidadãos "reunidos" para discutir

² KITTEL, G., BROMILEY, G. W. & FRIEDRICH, Gerhard. (Editors) PITKIN, Ronald. (Compiler). Theological dictionary of the New Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans. 1964-c1976, p. 513.

os assuntos de estado”³. Mais uma vez podemos buscar auxílio do professor Richard A. Horsley, pois descreve a intenção do apóstolo Paulo no seu trabalho missionário com relação ao papel da igreja:

“Paulo estava estabelecendo energicamente entre as nações ekklesia que eram alternativas às "assembléias" oficiais de cidades como Tessalônica, Filipos e Corinto”. [...] O termo ekklesia, era principalmente político, [...]. As assembléias de Paulo eram tanto políticas como religiosas, um tanto à maneira como era a polis grega. (HORSLEY, 2004, p. 16).

Uma ideia menos radical é apresentada por Eduard Schweizer, estudioso suíço do Novo Testamento, em seu livro, *Church Order in the New Testament*. Ele admitiu que Jesus chamou os discípulos, mas afirmou que, “ele nada fez para criar um grupo que se distinguisse do restante do mundo” (SCHWEIZER, 2006, p. 25). A ideia de Schweizer, sobre a missão de Jesus é notavelmente existencialista, e parece moldada por “sua preocupação genuína em advertir contra o pensamento de que pertencer a um grupo em particular pode isolar alguém de um encontro real com Jesus”. (SCHWEIZER, 2006, p. 26),

No âmbito político, onde podemos encontrar o fenômeno chamado igreja? Podemos aproveitar a declaração de Karl Marx para responder essa questão: “o modo de produção de vida material domina, em geral, o desenvolvimento da vida social, política e intelectual” (MARX, 1977, p. 24). Parafraseando a declaração de Karl Marx, pode-se admitir que a prática social da Igreja reflete a sua condição espiritual perante Deus e o mundo. A teologia descreve a consciência cristão de forma que explique a sua existência e essa termina se tornando uma questão fundamental para uma organização social. Quando a sociologia, “mantém seu potencial crítico em relação aos processos sociais e interroga a realização das promessas da modernidade”, (NUNES, 2007, p. 102), a igreja por sua vez, ao usar esses saberes sociológicos, não pode se eximir dessa questão, já que está enquadrada neste processo de melhora do social, como mostrado até aqui.

Um fato ocorrido, entre Jesus e um “jovem rico”, relatado no evangelho de Mateus 19:18-26, tem potencial para mostrar o papel da igreja no seu relacionamento com a sociedade. Conforme o relato bíblico, Jesus criou expectativas de comportamento estruturadas em concepções e propostas voltadas para a transformação das estruturas sociais. Quando Cristo, chamado de “Bom Mestre” pelo jovem rico o encontrou, a questão da solidariedade e

³ VINE, W. E., UNGER, M. F., & WHITE, W. O completo dicionário expositivo de Vine de palavras do Antigo e do Novo Testamento (vol 2). Nashville: T. Nelson. 1996, p. 42-43.

da justiça para com a comunidade necessitada foi levantada. Neste dialogo, o mestre pede para o jovem rico investir na população pobre (Mt 19.18-26), no entanto, caberia a ele decidir como faria isto. O mestre o fez olhar para o público necessitado e ver se conseguia enxergar alguma coisa nos céus. Em outras palavras, parecia que Jesus queria dizer ao jovem rico que para ser bem sucedido no reino de Deus ele precisaria olhar para pessoas que não estavam necessariamente no reino. A proposta é fazer com que a construção do reino, tão propagada por Jesus, permaneça combatendo essa política social que foi consolidada sobre leis e práticas que legitimam uma hierarquia de poder e dominação, a qual esvazia o significado verdadeiro da palavra de Deus, e que muitas vezes passa a ser utilizada pelas igrejas segundo as conveniências dos detentores do poder. Todavia, uma vez liberto disso, qualquer comunidade religiosa poderá ver que foi criada para ser e fazer a diferença na sociedade em que está inserida. Jesus disse: “Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão? E se vocês saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo demais?” (Mateus 5.46-47)⁴. Isso nos parece ser uma mensagem completamente condizente com a proposta da Teologia Pública.

Teologia pública como um caminho de mão dupla

O termo “Theologia” (do grego *θεολογία*), foi transliteração para a família das línguas germânicas. O seu significado básico “é de origem antiga e tem uma variedade de definições diferentes, entretanto, relacionadas. Para a antiguidade pagã significava uma explicação mitológica dos mistérios supremos do mundo (Platão: República 379a)”⁵. Conforme Mac Dowell, “o termo “theologia” pertence originalmente à linguagem filosófica” (DOWELL, 2011, p. 22). É Aristóteles, que aplica o termo à sua filosofia primeira, à ciência dos primeiros princípios, chamando-a de filosofia teológica⁶. A filosofia se apropria do termo, tendo os deuses como seu objeto e sujeito maior. Geraldo Luiz De Mori, no entanto, afirma que foram os estoicos, que atribuíram “cidadania filosófica à teologia, que se tornou uma disciplina filosófica” (MORI, 2007, p. 397). Parece ter sido eles que levaram a teologia ao povo. Os cristãos demoraram a adotar o termo, por haver associação com a mitologia pagã. Entretanto, foi com “Os primeiros pais gregos, sobretudo Eusébio de Cesaréia, a usaram

⁴ Bíblia Sagrada - Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993).

⁵ KOMONCHAK, J. A., COLLINS, M., & LANE, D. A. *The New dictionary of theology*. "A Michael Glazier book." (Electronic ed.). Collegeville, MN: Liturgical Press. 2000, p. 1011.

⁶ *Metaphysica* I, 2 983 8-9; VI, 1 1026a 19.

teologia em correlação com oikonomia; [...] se referindo aos mistérios internos da Divindade, [...] no evento de Cristo” (KOMONCHAK, COLLINS, & LANE, 2000, p. 1011).

A síntese histórica do termo “theologia” relatada acima, revela-nos em parte, que não se pode apoderar-se de algo conceitual. Em um sentido usual, seria a filosofia a mãe da theologia pelo seu uso primeiro. No entanto, o que se constata na atualidade é um empoderamento do termo theologia, por parte do cristianismo, como se fosse ele o criador do conceito. Ao colocar o termo como propriedade particular, o desafio então, passa a ser o não permitir que essa “Theologia” seja uma teologia confessional e que não esteja ao serviço dos poderes eclesiástico, mas sim seja uma theologia que queira cooperar, indo além da confissão.

O que se espera todavia da teologia, é que ela siga ao encontro da população, ávida por soluções transformadoras para vários problemas sociais tais como, ética, justiça, direitos humanos, democracia, política e economia. Neste caminho tenebroso é muito possível que a Teologia Pública possa se tornar um facho de luz no fim do túnel.

A Teologia Pública nos concede admitir, como Rudolf von Sinner, doutor em teologia e professor da Escola Superior de Teologia (EST), que “a teologia pública visa explicitar a fé cristã de modo compreensível a um público além das fronteiras da igreja e contribuir com base nessa perspectiva de fé, no espaço público, para o bem comum”. (SINNER, 2012, p. 16).

A Teologia Pública aqui apresentada, está circunscrita pela teologia ocidental, a qual é protestante e sobretudo católica em âmbito nacional. No entanto, ela segue o entendimento de que, “representa uma importante fonte de sabedoria cuja interpretação e estudo podem contribuir para transformar a dolorosa situação da humanidade e do mundo”. (USARSKI, 2007, p. 288).

É importante ressaltar que o cristianismo, ainda parece ser, “o centro das preocupações e princípio (natural) de verdade religiosa inquestionável”. (CAMURÇA, 2008, p. 45), desde suas gênesis, tem no seu cerne, um espaço bem marcado na vida secular da humanidade. Por isso, há lugar para que possa ser desenvolvido uma teologia pública, porém, sem necessariamente implicar em proselitismo. Para tanto, seria importante que a teologia, sucedida do cristianismo, não fique restrita a reflexões que atinjam apenas a vida privada dos seus adeptos, pois, conforme os relatos bíblicos, Jesus não se preocupava apenas com a salvação das almas, pois se assim o fosse, no momento que as pessoas se tornassem salvas, deveriam ser assunto nos céus. No entanto parece não ser assim o que acontece.

A partir desse pensamento, se pode encontrar, nos textos bíblicos, Jesus e seus apóstolos oferecendo um modelo aos seus discípulos, mostrando como precisa ser tratada as questões da sociedade.

O apóstolo Paulo, tratou de relacionamento conjugal, educação de filhos, relacionamentos entre patrão e empregado, etc. Tudo isso, no âmbito social indo ao encontro da dimensão pública, política e social do ser humano.

1 corintios 7:3-4

3. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. 4. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. (Bíblia Sagrada - Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993).

Conforme Paul W. Marsh, “os deveres conjugais, são mútuos. Esses deveres são compartilhados em conjunto por marido e mulher” (MARSH, 2008, p. 1888). Para Leon Morris “Cada parceiro tem os seus direitos”. O sentido de “o que lhe é devido” (τὴν ὀφειλὴν em grego), poderia ser melhor traduzido como propõe Leon Morris, “Cada um deve obrigações ao outro” (MORRIS, 1997, p. 85). Num país, como o Brasil, que tem a “*Taxa de feminicídios como a quinta maior do mundo*”⁷, esse princípio, ensinado há dois milênios, seria muito importante para a sociedade brasileira nos dias atuais.

Em outra passagem das Escrituras, o apóstolo Paulo trata sobre educação de filhos:

Efésios 6.1-4

1. Filhos, obedecéis a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. 2. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa, 3. Para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. 4. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. (Bíblia Sagrada - Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993).

Segundo Francis Foulkes, a frase “pois isto é justo” (τοῦτο γὰρ ἐστὶν δίκαιον em grego), significa, “que isso é aceito como correto em cada sociedade” (FOULKES, 2011, p. 135). O substantivo disciplina, na frase, “criai-vos na disciplina”, deriva do grego paideia (παιδεία). De acordo com Francis Foulkes, esse termo denota, mais do que simplesmente “cuidar”, e tanto esse substantivo como o verbo correspondente, podem possuir a força de “punir” para a “Disciplina”. Portanto, fica evidente que seria correto os pais exigirem

⁷ Cf. MARTIN, Helena. Taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-08/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-quinta-maior-do-mundo>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

obediência, e usar de punição, desde que não houvesse “abuso de autoridade” (FOULKES, 2011, p. 135).

Para concluir essas poucas passagens, entre tantas das Escrituras, a Bíblia não deixa de fora um dos assuntos críticos para a sociedade brasileira, que é o relacionamento entre patrão e empregado.

Colossenses 3.22; 4.1

22. Servos, obedecêi em tudo ao vosso senhor segundo a carne, não servindo apenas sob vigilância, visando tão-somente agradar homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor. Col 4:1 Senhores, tratai os servos com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu. (Tradução: João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição, 1993).

Segundo Francis Foulkes:

Embora os inúmeros escravos que vieram ao aprisco cristão estivessem na mente do apóstolo ao escrever estas palavras, os princípios de toda a seção se aplicam a empregados e empregadores de todas as épocas, estejam eles no lar, no comércio ou no governo. “A atitude para com o trabalho e o espírito requerido dos senhores e daqueles subordinados são tão relevantes numa sociedade livre, quanto numa economia baseada na escravidão. (FOULKES 2011, p. 137, 138).

A Teologia Cristã, mediante a tantas referências bíblicas, nos parece não poder se dar ao luxo de resumir sua teologia apenas à dimensão particular ou doméstica. O conceito epistemológico da Teologia Pública, advinda do cristianismo, poderá ser um grande apoio para ultrapassar os muros confessionais e chegar até as ruas e aos problemas econômicos e sociais da população.

Conclusão

As religiões tornam possível à humanidade a vida e a morte. Portanto, ela em sua essência contém a simbologia da escada que une o homem e o Numinoso, ou, até mesmo, a simbologia da ponte que une dois espaços separados pelo abismo. Em outras palavras, na religião subjaz a harmonia dos contrários. Neste caso, se as religiões carregam toda essa simbologia, ela tem que recorrer, de uma forma diferente de sensibilidade, as imagens. No entanto, para que essas imagens possam tornar discurso humano, devem ser simbolizadas. Por isso, considerando o símbolo, o mito e as categorias de pensamentos imaginativos, que são os

processos pelos quais, dentro de suas possibilidades, haverá uma melhor contemplação do fenômeno religioso nas religiões cristãs.

Portanto, o que se espera das religiões cristãs é que se apresentem como um ponto comum e aberta à cooperação mútua, entre elas e o próximo. Para auxiliá-las a Teologia Pública pode ser uma saída. Pois, David Tracy, teólogo e padre católico norte-americano, em seu livro, *A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo*, demarca os públicos da Teologia Pública em: “sociedade mais ampla, a academia e a igreja”, (TRACY, 2006, p. 26).

Mesmo que a Teologia Pública esteja visando apenas um público dentre os três, implicitamente, os outros, na figura do próximo, estarão envolvidos. A distinção, como se vê, não parece estar no objeto, mas na maneira de abordá-lo. A Teologia Pública, neste caso, leva a Igreja à comunidade, e parece que lá, ela se torna cidadã, podendo ser assim, audível socialmente. E, além disso, oferecer, citando Rodolf Von Sinner, “uma mediação mais abrangente entre o clero das igrejas e a sociedade mais ampla do que os seminários dirigidos pelas igrejas tendem a fazer”. (SINNER, 2007, p. 63). Em suma, o que vemos é que a Teologia Pública, se coloca como objeto de mediação para ambas as partes, cabendo então a elas, admitir que podem contar com as diferentes formas de atender a sociedade plural por meio desse objeto que se apresenta como uma interface importante entre ambas.

Referências Bibliográficas

A Bíblia Sagrada. [Tradução de João Ferreira de Almeida] ed. Rev. Atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências sociais e Ciências da religião**, polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOWELL, João A. Mac. **Filosofia da Religião**: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico. *Interações - cultura e comunidade*, v. 6 n. 10, Uberlândia: 2011, p. 17-49.

ELIADE, Micea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOULKES, Francis. **Efésios** - Introdução e Comentário. Edições Vida Nova, São Paulo: 2011.

HORSLEY, Richard A. **Paulo e o Império**: religião e poder na sociedade imperial romana. Paulus, São Paulo: 2004.

JACOBI, J. Complejo, **arquétipo y símbolo**. México, F.C.E., 1983.

LATOUR, Bruno. **“Não congelarás a imagem”**, ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Out. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132004000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2018.

- MARSH, Paul W. **1Coríntios**. In F. F. Bruce Editor geral; tradução: Valdemar Kroker. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 1868-1926.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MORI, Geraldo Luiz De. **A Teologia e suas interfaces com as Ciências Sociais no estudo da Religião**. *Persp. Teol.* n. 39, Belo Horizonte: 2007, p. 397-409.
- MORRIS, Leon. **1 Coríntios – Introdução e Comentário**. Edições Vida Nova, São Paulo: 1997.
- NUNES, Maria José Rosado. **A sociologia da Religião**. In Frank Usarski (Org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 98-119.
- OTTO, R. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. **A Terapêutica Integral: Milagres de Jesus e a Terapia Comunitária Integrativa**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- RIBEIRO, Antonio Carlos Silva. **Eclesialidades e diálogo inter-religioso; as igrejas cristãs e a experiência salvífica, a partir dos novos paradigmas teológicos na América Latina**. Tese (Doutorado em Teologia), PUCRJ, Rio de Janeiro: 2009.
- RICOUER, Paul. **Freud: Una interpretación de la Cultura**. México, Siglo XXI, 1970.
- SARTRE, J. P. **Lo imaginário**. Buenos Aires, Losada, 1964.
- SCHWEIZER, Eduard. **Church Order in the New Testament**. Eugene: Wipf & Stock Pub, 2006.
- SINNER Rudolf von. **Confiança e convivência: Reflexões éticas e ecumênicas**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- SINNER Rudolf von. **Teologia Pública: Seus espaços e seu papel**. São Leopoldo, UNISINOS, 29 mai. 2008. Entrevista concedida a IHU-online. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/14220-teologia-publica-seus-espacos-e-seupapel-intrevista-especial-com-rudolf-von-sinner>>. Acesso em: 16 out. 2017.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O estatuto epistemológico da teologia como ciência da fé e a sua Responsabilidade Pública no âmbito das ciências e da sociedade pluralista**. *Rev. Trim.* v. 36 n. 153, Porto Alegre: 2006, p. 555-563.
- TRACY, David. **A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- TRESMONTANT, D. **Estúdios de metafísica bíblica**. Madrid: Gredos, 1964.
- USARSKI, Frank. Introdução. In: **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. Frank Usarski (org.). São Paulo: Paulinas, 2007.